

# VIVÊNCIAS DE SI NA TOXICODEPENDÊNCIA – ANÁLISE QUALITATIVA DE RELATOS DE HEROINÓMANOS RECOLHIDOS EM CONTEXTO INSTITUCIONAL

**Rui Tinoco**

CAT Cedofeita, Universidade Fernando Pessoa, Portugal

**Luís Fernandes**

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, Portugal

**Resumo** – *O estudo que aqui apresentamos foi elaborado a partir da análise de conteúdo de entrevistas efectuadas a heroinómanos em processo de tratamento. Procurámos explorar o modo como os participantes experienciaram os actos e atitudes tomados ao longo do seu percurso de consumidores. Detectámos, assim, diversos momentos que parecem ser decisivos na ocorrência de trajectórias de afastamento ou, pelo contrário, de maior envolvimento com actividades desviantes. É à definição desses momentos, tendo por base um dispositivo metodológico proposto por Foucault (1986), que dedicaremos a maior parte do nosso texto.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Toxicodependência; Histórias de vida; Foucault

**KEY WORDS:** Drug addiction; Biographic approach; Foucault

Realizaremos neste artigo uma síntese dos principais vectores que nortearam a nossa investigação em torno das histórias de vida de consumidores de heroína. Apresentaremos aqui um breve relato sobre os momentos chave desse percurso teórico-prático, a saber: ponto 1, definição teórica do objecto de estudo; ponto 2, montagem do dispositivo metodológico de recolha e tratamento dos dados; ponto 3, apresentação e discussão dos resultados obtidos; ponto 4, balanço final sobre os limites e as contribuições do nosso trabalho para a área da investigação das toxicodependências em Portugal.

Pensamos que, deste modo, conseguiremos traçar uma panorâmica geral, mas suficientemente abrangente da nossa postura científica, bem como teremos conseguido realçar alguns dados importantes assim alcançados.

*Toda a correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: Rui Tinoco, CAT Cedofeita, Rua Álvares Cabral, 328, 4150 Porto, Portugal*

## OBJECTO DE ESTUDO: VIVÊNCIAS DE SI

Denominámos vivências de si o estudo das práticas — práticas de consumo e comportamentais — bem como a justificação que os sujeitos dão dessas práticas. Este propósito não se limita a um único instante na vida dos consumidores de drogas. Tentaremos observar, pelo contrário, inúmeras mutações nas práticas dos indivíduos, à medida que são encetados movimentos de aproximação e afastamento face a diversas actividades desviantes.

A preocupação longitudinal aqui subentendida fez com que nos aproximássemos de uma área de investigação que genericamente poderemos denominar de histórias de vida. A utilização deste tipo de metodologia permitiu a contextualização processual das justificações recolhidas. No entanto, as vivências de si englobam uma complexidade de níveis que vão desde as práticas até às reflexões que os sujeitos realizam a propósito do seu estado actual. Foi neste enquadramento que adaptámos um instrumento metodológico de Foucault (1986). Este autor, a propósito do seu estudo da sexualidade na Grécia antiga defendia que os *aphrodisia*<sup>1</sup> colocavam questões de ordem ética aos indivíduos. Os cidadãos da polis helénica viam-se, face ao poder supostamente desestruturante dos *aphrodisia*, perante uma disjuntiva de práticas de si controladas versus práticas descontroladas. Esta disjuntiva engloba igualmente os correspondentes estados de consciência que adviessem dessas práticas.

Não estamos sós no acto de defender um paralelismo entre as questões que os *aphrodisia* colocam aos sujeitos e as questões que as drogas modernas desencadeiam actualmente. Sissa (1997) chama a atenção para a mesma semelhança: se os gregos clássicos cedessem aos apetites sexuais, de forma descontrolada, poderiam ter uma vivência monótona do tempo e um empobrecimento de outras dimensões da vida (nomeadamente o afastamento da verdade e da filosofia); do mesmo modo, um uso massivo de substâncias psicotrópicas frequentemente desencadeia vivências do tempo semelhantes, bem como um desinvestimento de outras áreas da existência.

O modo como realizámos a operacionalização destes vectores teóricos é o que sintetizaremos de seguida.

## CONFIGURAÇÃO METODOLÓGICA

Chegou agora o momento de apresentarmos a configuração que fizemos da metodologia das histórias de vida na nossa investigação. Antes de mais nada, convém referir que as entrevistas foram efectuadas num centro de atendimento a toxicodependentes, sendo que o critério de amostragem é o da saturação das categorias<sup>2</sup>. Uma vez que este estudo é qualitativo não pretendemos a representatividade da amostra - o que é dificilmente alcançável.

As sessões de recolha de dados foram orientadas por uma check list que representava os principais pontos de evolução da carreira de consumidor, tal como foram considerados em numerosos estudos desta área — Manita (1996); Pallarès (1995); Romaní (1991). A interacção

entre essa check list e os dados que foram sendo recolhidos é crucial para entendermos a dinâmica subjacente a uma investigação de carácter qualitativo: sempre que algum dado de maior relevância fosse obtido, criávamos uma nova entrada no nosso guião. Esta característica é fulcral na abertura da investigação ao que se for encontrando<sup>3</sup>.

Os dados obtidos por intermédio da gravação de entrevistas foram sendo depois transcritos para suporte informático. O contacto com o material assim estruturado permite a preparação da fase inicial da análise de conteúdo: o agrupamento/classificação do material em categorias temáticas — p. e. iniciação de consumos; contactos com instituições de saúde; com instituições jurídico-penais entre outras.

Finda tal tarefa, propusemo-nos a classificação do material de cada categoria de acordo com um dispositivo metodológico inspirado em Foucault (1986). Já é relativamente vulgar esta apropriação de certos instrumentos metodológicos de inspiração foucaultiana por parte de cientistas sociais de vários ramos (Kendall & Wickham, 1999). No nosso país, alguns investigadores têm utilizado instrumentos de alguma forma baseados naquele pensador<sup>4</sup>. A apropriação metodológica do dispositivo em questão só foi possível realizar-se após um trabalho fundador de Agra (1990), onde se defende a hierarquização do acto transgressivo em quatro níveis que são, de alguma forma, inspirados na obra daquele filósofo.

## A operacionalização

No interior dos agrupamentos temáticos anteriormente construídos, classificámos os dados recolhidos nos níveis ontológico; deontológico; ascético e teleológico. Faremos agora uma breve resenha sobre os seus significados e sobre o modo como operacionalizámos cada nível, de maneira a que cada um corresponda a um critério de classificação claro e exclusivo.

*Ontologia* — dá conta de uma materialização dos fenómenos. Quais as áreas da experiência da toxicodependência que são vistas por parte dos entrevistados como coisas, como seres. Engloba a ontologia tudo aquilo que seja atribuído à natureza de um dado fenómeno. No material recolhido, caberão nesta classificação todos os segmentos que se refiram a propriedades das substâncias psicotrópicas, actos que sejam vistos como inevitáveis ou que remetam para posições de fatalismo.

*Deontologia* — refere-se a um conjunto de regras ou preceitos que pretendem regular o exercício de determinada actividade profissional. Quais serão, pois, as regras que regulam certas práticas de consumo, em determinadas comunidades? Caberá nesta dimensão todo o material que dê, de algum modo, conta desta problemática.

*Ascética* — vocábulo que deriva de uma palavra grega *askesis* referente a exercício. Na doutrina moral, conotada com a ética cristã, o termo passou a significar desprezo pelo corpo e pelas sensações físicas. Ascética define o exercício do domínio dos seus próprios actos pelo indivíduo: quais as regras que determinado consumidor aplica a si. O desdobramento que Foucault propõe, dá conta de práticas de si controladas e práticas descontroladas (continência versus incontinência). No material recolhido, caberá nesta classificação tudo o que for

referente à gestão das práticas de consumo, exercício efectuado para se alcançar um certo controle sobre os actos ou a ausência dele.

*Teleologia* — termo que se refere à doutrina das causas finais. Todos os fenómenos são preestabelecidos e tendem para um fim determinado. Refere-se, ainda, ao estado de consciência alcançado por se seguir determinada ascética. O desdobramento observado no nível anterior também se aplicaria aqui. No material recolhido, englobar-se-ão nesta dimensão todos os segmentos de discurso que se refiram a uma reflexão sobre si mesmo, bem como justificações sobre as decisões tomadas para se mudar uma prática de si.

Em suma, as quatro dimensões até aqui explanadas permitem a classificação do material obtido em estratos, a saber: 'coisificação' observada nas vivências; regras grupais; práticas de si e, por último, o estado de consciência alcançado através dessas práticas. Estes níveis interligam-se mais ou menos estreitamente: a substância ontológica interfere sobre as regras grupais; é no meio destas que os indivíduos seleccionam as condutas que praticam em si; finalmente, é através destas que os sujeitos alcançam este ou aquele estado de consciência e de presença no mundo.

É de sublinhar que estas quatro dobras do acto foram aplicadas às diversas fases das histórias de vida entretanto recolhidas: iniciação dos consumos; gestão da carreira de consumidor; pontos de inflexão e afastamento dessa carreira. Serviram também de análise para a relação que os diversos entrevistados estabeleceram com instituições de saúde e jurídico-penais; bem como o contacto com as diversas esferas da sua socialização — a família, a escola, o trabalho e as redes informais de suporte social.

### Uma última palavra sobre a metodologia

O presente projecto de investigação inscreve-se, pois, na tradição metodológica das histórias de vida. É uma biografia parcelar porque privilegia uma dimensão específica da existência dos sujeitos: o seu percurso de consumidores. É uma história de vida cruzada, uma vez que se rege pela acumulação de testemunhos dos diversos sujeitos participantes no estudo.

Na prática, a análise de conteúdo dos dados implica um primeiro momento em que o material recolhido é encarado como um todo, independentemente dos sujeitos entrevistados. Ele é classificado de acordo com diversas categorias estabelecidas para o efeito. Cabe ao investigador realçar as regularidades existentes nesse material, assim como possíveis excepções que possam ser, de algum modo, significativas.

A análise parcelar subjacente a este procedimento tem, como contraponto, uma etapa final que consiste em recuperar uma visão holística do material recolhido. É dentro deste contexto que poderemos tipificar classes de trajectórias individuais ou, apenas, sinalizar pontos chave na carreira de consumidor — momentos que operam uma disjunção na vida dos indivíduos ditando um afastamento ou um súbito envolvimento com os consumos e as actividades desviantes.

A vantagem destes procedimentos é evidente, em termos de coerência interna do dispositivo metodológico: o que é detectado numa sessão com um indivíduo é completado

com o que é recolhido junto de outro. Os ganhos metodológicos são evidentes em termos de fiabilidade.

A divisão do material recolhido obedece a claros e inequívocos critérios de classificação. Esses critérios foram sendo aperfeiçoados à medida que fomos explorando os dados. A utilização de momentos de interanálise, isto é, a prática de discussão das categorizações com outros colegas, conhecedores do nosso projecto, foi um outro instrumento de que nos socorremos.

## APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

As categorias constituintes da grelha de análise foram mais variadas do que aquelas que aqui faremos referência, contudo, para facilidade de exposição, optámos por organizar os resultados sequencialmente, fornecendo assim uma visão desenvolvimental das trajectórias desviantes. Daremos um especial realce aos principais pontos de disjunção dos percursos individuais, isto é, os momentos charneira em torno dos quais observámos um maior envolvimento ou, pelo contrário, um afastamento das actividades de consumidor.

### Os primeiros consumos

As propriedades que os indivíduos entrevistados atribuem às drogas andam, em geral, próximas daquelas que o senso comum lhes atribui. Apesar disso registaram-se algumas surpresas, como os drunfos que 'dão para roubar'; ou o haxixe ser uma droga mais pesada que a heroína 'nos efeitos, mas não na ressaca'. As propriedades imputadas às substâncias estão em estreita relação com as vivências dos entrevistados — p. e. 'a cocaína é gulosa e não dá para controlar'; ou 'a cocaína não dá ressaca por isso não é problema'. Estes dois pólos de avaliação da cocaína estão em estreita relação com o que os entrevistados experienciaram. Note-se ainda, que a única clara unanimidade face aos efeitos de uma substância acontece em relação à heroína, uma vez que todos os sujeitos participantes no estudo estão ou foram dela dependentes.

A iniciação quer do haxixe, quer da heroína é observada em contextos grupais, em que as intenções hedónicas são por demais evidentes. O uso destas substâncias parece regular a convivência e fazer parte de um ritual das saídas em conjunto. É raro registarem-se justificações mais elaboradas que se socorram de níveis superiores aos deontológicos. O uso de substâncias com intenções de manipulação de características psicológicas — o querer-se outro com o consumo — raramente foi registado.

É claro que com o tempo, as intenções lúdicas são defraudadas. A tomada de consciência da dependência instaura uma mudança radical desse modo positivo de ver as substâncias — especialmente a heroína, o que é responsável por uma desculpabilização dos próprios actos, p. e.: justificação ontológica 'tive o azar de experimentar uma vez e gostei, aquilo agarra...';

justificação deontológica '...juntei-me às más companhias, cá...'; justificação ascética '...disse sempre que não até um dia... não sabia o que aquilo era, hoje há muitos exemplos só entra quem quer...'; justificação teleológica '... com a heroína sentia-me mais seguro...'

Curiosamente, este cuidado em desculpar-se em relação à entrada na heroína não se observa no que diz respeito à cocaína. Os registos encaminham-se todos no sentido de uma despreocupação em relação a essa substância: com efeito, o contacto com a cocaína regista-se numa altura em que a dependência opiácea já está instalada — a cocaína é apenas um elemento mais de uma deriva.

### Adaptações cognitivas iniciais

A prossecução dos consumos de uma substância ilegal com conotações de droga dura só pode observar-se mediante certas mudanças no tipo de crenças do indivíduo - é como se aquilo que se sabe sobre drogas e dependência não se aplicasse a si. As justificações são do tipo: 'só injectada é que dava dependência'; 'a dependência é só para os outros'; 'a heroína afinal não dá dependência'.

Podemos dizer que, globalmente, os entrevistados, à medida que se vão envolvendo com os consumos, tendem a privilegiar os aspectos de contenção ou pretensa contenção. Deste modo, as actividades de consumo continuam, tendo os entrevistados uma sensação de controle. Aliás, o contexto grupal, em que o uso de drogas se dá, favorece estas construções, uma vez que também aí são os aspectos positivos os mais realçados. A esfera deontológica parece desempenhar um papel securizante nestes primeiros passos no envolvimento com a heroína. As aprendizagens sobre modos de consumo, qualidades, locais de compra, modulação dos efeitos, preenchem as preocupações dos nossos entrevistados. Estas vivências em conjunto adiam a aceitação de outras dimensões menos aliciantes do uso de drogas. Só com o desenvolvimento de uma carreira de consumidor é que essas dimensões vão sendo gradualmente aceites.

Uma ideia bastante frequente na maior parte dos nossos sujeitos, é a de que: 'no meu tempo não havia informação, agora só entra quem quer.' Este é um modo de negação da responsabilidade no envolvimento com a substância<sup>5</sup>.

### Período de transição haxixe heroína

Apesar deste período não ter sido observado em todos os casos estudados, a transição haxixe heroína é especialmente ilustrativa de certos processos deontológicos que são postos em jogo no período de iniciação às drogas duras. Também é interessante verificar as diferentes suposições ontológicas sobre os efeitos e vantagens de cada uma destas substâncias. Observámos uma discrepância quanto à avaliação do grau de intensidade dos efeitos do haxixe em relação à heroína. Tal discrepância relaciona-se, essencialmente, com diferenças tanto na experiência como na frequência dos consumos.

De um modo geral, a heroína entra no convívio informal dos grupos do mesmo modo que entrou o haxixe. A expectativa, podemos dizer, é a de que este opiáceo desempenhe idênticas funções. As vantagens são evidentes: 'a heroína dá uma moca mais leve e agradável'; 'não dá tanta bandeira'; 'não é tão visível, não deixa os olhos vermelhos'.

Em alguns casos registámos períodos de consumo simultâneo das duas substâncias, ou seja: consome-se a heroína quando o haxixe está a deixar de fazer efeito e 'nos deixa molengões' (um entrevistado denomina este acontecimento de ressaca do haxixe). Mas tudo isto acontece antes da instalação da dependência — com ela passamos a registar uma gestão de constrangimentos financeiro; laboral; familiar; e da gestão da própria dependência (conceito de Ingold; Toussirt; Petit & Cobesque, 1991).

### Envolvimento na carreira de consumidor

O desenvolvimento da carreira de consumidor passa a implicar, de um modo geral, níveis mais elevados da grelha foucaultiana — nomeadamente a ascese. A dependência passa a impor níveis de contenção ou descontrolo face a diversas esferas da vida social. Secundariamente, os níveis deontológico e teleológico também são postos em jogo: o primeiro, advém das aprendizagens efectuadas no mundo das drogas — tráfico, roubo, injectar entre outros; o segundo, torna-se implícito da ascese, ou seja, práticas continentas ou descontroladas têm as suas correspondentes teleológicas.

Adiante passaremos em revista as diferentes áreas implicadas naquilo que designámos por encruzilhada: pontos charneira em que parecem estabelecer-se momentos de transição no percurso dos nossos entrevistados.

### Encruzilhada: a ressaca

Depois de ser percebida a dependência rapidamente uma disjuntiva se estabelece: os sujeitos tentam controlar a ressaca ou são controlados por ela. Neste último caso registamos uma involução para posições ontológicas do género: 'tinha de consumir não aguentava a ressaca'; 'ela obrigava-me a fazer mais consumos' (...) Se existir controle, os sujeitos tentam manter os consumos em horas certas, sem acontecer grande escalada e, mais importante: aguentando a privação se se registarem contrariedades.

A tomada de consciência da privação nem sempre é automática, isto é, nem sempre advém directamente das consequências farmacológicas das substâncias. Em muitos casos observámos uma progressiva aprendizagem dos sinais da falta de droga junto da rede informal dos sujeitos. Muitos entrevistados já sentiam pequenas dores ou pingos no nariz, sem associarem estes sintomas à falta de consumos<sup>6</sup>. A dimensão deontológica também aqui tem o seu papel importante. Note-se que a leitura do corpo em função dos sinais de privação pode manter-se bastante tempo após a abstinência.

Ao haver continência, os sujeitos esforçam-se por manter outras dimensões das suas vidas como o trabalho, a família e outros. Logo, frequentemente, a falta da substância é suportada em função de outras variáveis.

### Encruzilhada: usos de saber intersubjectivo

Denominámos saber intersubjectivo todos os conhecimentos que os nossos entrevistados referem sobre drogas ou mundo das drogas, sem que esse saber seja aplicado por eles no seu quotidiano de consumos.

Predominam aqui as dimensões deontológicas que vão sendo adquiridas à medida que o percurso dos consumos se desenvolve. Obtivemos, inclusive, reflexões interessantes sobre a evolução do mercado das drogas. A introdução progressiva de cocaína parece ter desencadeado o aumento de casos de consumo desmesurado. A venda de cocaína é incentivada pelos dealers, entre outros, junto de consumidores abstinentes de heroína.

Aquela substância é apresentada como se não oferecesse problemas, uma vez que não dá ressaca; no entanto, a degradação que ela suscita é bem maior pois 'com a branca só se está bem a consumir'. Este comportamento estratégico do mercado psicotrópico tinha-se já verificado com a comercialização da heroína, que foi antecedida por falhas no abastecimento do haxixe e é igualmente ilustrado pelo modo subreptício como a cocaína vem sendo comercializada<sup>7</sup>.

As informações relativas aos locais de compra e qualidades do produto circulam com celeridade. Um dos exemplos mais interessantes dessa intercomunicação deu-se com a mudança nas práticas de injeção. Todos os entrevistados concordaram na existência de mudanças de alguns hábitos que envolvem o consumo endovenoso: 'deixou de se aquecer o caldo, agora é a frio'. O conhecimento da possibilidade de um consumo mais rápido teve uma grande aceitação, disseminando-se rapidamente. A necessidade de rentabilização do tempo gasto no chuto, foi o principal motivo para o sucesso deste conhecimento.

Um outro dado importante é sensação de segurança e de identificação entre toxicodependentes que não se conhecem: 'basta olhar para um e sei logo se ele consome ou não'. Esta identificação mútua tem evidentes funções instrumentais, permitindo associações fugazes que facilitem a compra do produto ou, apenas, trocas de informação.

A identificação deste tipo estende-se ao reconhecimento do tipo de consumidor com quem se lida. A questão é importante sob o ponto de vista da partilha ou não de materiais. Muitos dos nossos entrevistados acreditavam ter sob controle a divisão de materiais uma vez que a 'pessoa é de confiança'.

O controle ou descontrolo dos consumos está estreitamente relacionado com o grau de envolvimento efectuado em relação a esta 'ideologia das drogas'. A adesão a certas crenças, o manuseamento dos conhecimentos adquiridos nas subculturas maximizam a rentabilidade da vida de toxicodependente — ao mesmo tempo que abrem porta a ritmos e formas de consumo mais descontrolados.

### Encruzilhada: gestão da imagem de si

De um modo geral qualquer consumidor de drogas duras tem de gerir simultaneamente os contactos tanto com esferas normativas como desviantes. O cuidado que muitos entrevistados tiveram em ocultar o seu estatuto de consumidores em diversos contextos sociais, implica um esforço de controle de si que frequentemente acaba por falhar.

No interior do mundo das drogas, a imagem de si também tem de ser cuidada. Uma estigmatização dentro da própria subcultura implica uma falta de confiança dos pares desviantes o que dificulta muito certas actividades instrumentais: venda, associações para roubos, entre outros. O caso dos toxicodependentes que 'andam aos filtros' nas zonas de compra são o exemplo mais visível dessa estigmatização: não possuem crédito algum junto dos outros consumidores, muitas associações que facilitariam o consumo são-lhes agora vedadas.

A reputação e o bom nome tendem a ser importantes à medida que as actividades desviantes são mais especializadas<sup>8</sup>.

As dimensões teleológicas envolvendo sentimentos de vergonha ou a sensação de ter poucas coisas em comum em relação aos não consumidores configuram esferas psicológicas da exclusão — como veremos mais tarde, a associação a grupos de consumidores cria, em certos casos, situações de afastamento a diversas esferas normativas.

Chegamos, pois, aos casos em que a toxicodependência já não é escondida — certos entrevistados não conseguem mais disfarçar o seu estatuto de consumidores. Goffman (1988) ensina-nos que, nestes casos, o que existe é uma gestão de tensões no quotidiano. Observámos também que, por muito que a situação estivesse descontrolada, existiam sempre dimensões de valorização. Tais factos são adaptações cognitivas a estatutos sociais ultradesvalorizados. De facto, foi recorrente a valorização de certos aspectos positivos mas extremamente parcelares em detrimento da aceitação da degradação bem real: p. e. 'eu arrumo carros mas não roubo'; 'eu não era proxeneta elas é que queriam dar o dinheiro'.

As situações de maior deterioração são acompanhadas, além disso, de justificações ontológicas: 'a droga fez com que eu me deixasse de preocupar comigo'. Mesmo em casos mais normativos existem períodos de consumo desmesurado acompanhados por justificações desse tipo.

### Encruzilhada: a família

A família é, as mais das vezes, a primeira esfera social onde os conflitos a propósito dos consumos se verificam. Posições de fatalismo foram registadas — a gestão da imagem de si teria de se defrontar com uma inevitabilidade — 'os meus pais teriam de saber mais cedo ou mais tarde'.

Num período inicial a 'cegueira' da família é quase um registo unânime: os sinais da droga não são interpretados enquanto tais. Há uma inexistência de uma grelha de leitura para

certas irregularidades comportamentais<sup>9</sup>. Actualmente, este período tende a ser encurtado, especialmente nas famílias que habitam em bairros onde se comercializam os produtos.

O jogo de expectativas que antecede a descoberta, no seio da família, de um membro consumidor, é responsável por atitudes de contenção. O toxicodependente vive na expectativa da revelação: a possibilidade de um castigo, de que algo de negativo aconteça é uma realidade. Muitos entrevistados tendem a controlar-se quando entram em casa.

O momento da revelação assume-se como um momento charneira na vida de um consumidor. Famílias há que o compelem para o tratamento, assumindo atitudes de maior rigidez e exigência — apesar disso não significar a ‘cura’, podemos dizer que, de uma maneira geral, a revelação pode assumir-se como um ponto de viragem e afastamento das actividades de consumos.

Nem sempre esta solução se observa: noutros casos, as famílias aderem ao discurso dos toxicodependentes. Os imperativos da ressaca, o não querer que os filhos sofram fazem com que muitos pais passem a assumir uma grande parte das responsabilidades dos consumos. Nestes casos, a revelação do estatuto de toxicodependente tem efeitos contrários, havendo uma intensificação do envolvimento com actividades desviantes. Como não há expectativas de castigo, muitos dos nossos entrevistados passaram a ter menos cuidados em casa, como nos diz um dos nossos participantes: ‘agora como não tinha medo, já não me importava de chegar mais mocado a casa’.

### Encruzilhada: o trabalho

O trabalho é uma das esferas importantes com que qualquer toxicodependente se confronta mais cedo ou mais tarde. Uma série de escolhas é posta em marcha face a esta dimensão da vida social dos nossos sujeitos. O abandono do emprego com a consequente desestruturação do tempo que isso implica, tem bastante impacto, apesar da importância da actividade profissional variar em cada caso. Nos entrevistados mais conhecedores das alternativas desviantes este é o momento de entrada em actividades quasi criminais e criminais com a consequente elevação dos consumos. No caso de indivíduos mais normativos, observámos uma inflexão, com diminuição dos consumos e aumento dos conflitos familiares. Aqui a hipótese desviante é recusada ou nem mesmo formulada em toda a sua plenitude.

Existe, de um modo geral, um período inicial em que a vida de consumidor é conjugada com a profissional. A instabilidade da primeira dificulta essa coexistência. Para muitos casos, as actividades desviantes vão-se tornando mais atractivas, uma vez que disponibilizam muito mais rapidamente o acesso aos produtos do que um emprego normativo.

A revelação do estatuto de toxicodependente no trabalho é outra vertente a ter aqui em conta. A situação mais previsível, a do despedimento ao saber-se dos consumos num assalariado, é frequente. O abandono do trabalho por iniciativa do próprio também se registou — alguns casos relataram não aceitar a desconfiança gerada pela revelação e afastaram-se de mote próprio.

Em casos de empregos mais indiferenciados, várias entidades empregadoras assumiram o fornecimento dos consumos, pagando ao dia ou guardando as doses de um dia para o outro. Nestas situações, o resultado mais comum foi a incompatibilidade, a curto ou médio prazo, devida a uma progressiva escalada dos consumos.

### Encruzilhada: os grupos informais

Nesta categoria classificámos o material referente às redes de suporte social dos nossos entrevistados. O dilema da revelação atrás descrito também é aqui observado, embora não de uma forma tão clara. As associações são mais fugazes, acabando por não definir um quadro estável. Os afastamentos e aproximações acabam por se suceder.

O exercício de manter relações com não consumidores e com consumidores não se põe com a mesma acuidade em todos os casos. Os sujeitos que habitam em bairros sociais não têm esta dicotomização pela frente, ao contrário dos restantes. Nos bairros onde se comercializam as drogas, a heroína é mais ou menos omnipresente e as redes sociais acabam por se constituir numa base de convivência quotidiana que tolera afastamentos temporários seguidos de reaproximações.

Apesar de tudo, muitos toxicodependentes relatam terem-se afastado dos seus amigos não consumidores em favor de associações com parceiros toxicodependentes ‘que não são verdadeiros amigos’. Tal associação tem a tendência genérica de rentabilizar o quotidiano de consumidores e é, globalmente, um sinal de um envolvimento maior com a actividade de consumidor de drogas duras.

### Encruzilhada: sistema jurídico penal e médico-sanitário

Optámos por agrupar aqui estes dois dispositivos para realçar a ambivalência da política sobre as drogas — que considera simultaneamente o acto de consumo como um crime e como uma doença. Os efeitos iatrogénicos dos dois dispositivos são algo que não se pode negar.

No meio da deriva subjacente ao dia a dia de um consumidor de drogas, as acções da polícia e as idas a tribunal são incorporadas num estilo de vida. Diversos entrevistados negaram ter problemas com o sistema judicial para depois completarem: ‘fora as rusgas e um ou dois processos’. As acções do sistema jurídico-penal passam a ser vistas como mais um obstáculo da vida de consumidor. Só em ocasiões biográficas específicas, conjugando-se com uma vontade ainda incipiente de mudança, é que podem desencadear uma interrogação sobre si mesmo e uma mudança de práticas — numa grande parte dos casos observamos um retraimento temporário seguida de retomada da actividade.

O sistema médico-sanitário é frequentemente utilizado como um modo de diversos consumidores rentabilizarem as suas actividades. Frequentemente a vinda às consultas num centro de tratamento é uma forma de gerir as pressões familiares e continuar a consumir. Noutros casos, é nos dispositivos médico-sanitários que alguns entrevistados aprendem a usar

determinados medicamentos e a adquirir mais um instrumento para gerir a sua dependência — contudo, também estes dispositivos têm um papel importante nas fases de afastamento...

### Pontos de inflexão

Se abandonarmos a grelha consumo abstinência, para nos centrarmos nas actividades desviantes realizadas, poderemos dar conta de movimentos de aproximação e afastamento do mundo das drogas, de períodos de maior e menor consumo. O estudo das justificações dadas pelos consumidores a propósito dessas actividades configura-se, assim, de suma importância na compreensão do fenómeno das toxicodependências.

A vivência de situações limite e a consequente desaceleração dos consumos varia de sujeito para sujeito. Os próprios antecedentes sociais e familiares de cada entrevistado têm um papel importante, impossibilitando a escolha de certas opções disponíveis na carreira desviante. Muitos sujeitos acham-se sem perfil para certas actividades mais criminais (tráfico, roubo) e quasi criminais (arrumador de carros) como uma nossa entrevistada sintetiza lapidariamente: 'foi-me vedado tudo: pela situação, pelo dinheiro e por mim mesma' (recusando a hipótese da prostituição que lhe era acessível).

É interessante sublinhar que, na maioria dos casos que estudámos, casos em que se desenvolveu muitas vezes um forte envolvimento com actividades desviantes, são eventos interiores a essas actividades que desencadeiam um afastamento dos meios e do próprio envolvimento com os consumos. Isto opõe-se aos casos mais normativos que mantiveram o trabalho e outras dimensões sociais, em que a família desempenha um papel mais relevante.

O diagnóstico de uma doença grave (HIV e até hepatite B ou C) pode constituir-se como motivo para um afastamento. Na nossa investigação este aspecto foi expresso em termos ontológicos, isto é, de fatalidade, de obrigação: 'fiquei a saber que era seropositivo, tinha que parar não é?'

A aprendizagem da retirada acontece frequentemente em contextos grupais: 'deixei de dar bombadas'; interromper a actividade de tráfico; parar com a cocaína; deixar de injectar mesmo após a recaída. A interrupção destas práticas pode registar-se inopinadamente ou após algum acontecimento desagradável (consumo com consequências negativas; pressão policial na área; dificuldades na obtenção do produto) ou algum exemplo de 'cura' de um consumidor pertencente à rede de suporte social do entrevistado.

A teleologia que se associa a estas mudanças implica frequentemente uma reconceptualização de si. Muitos entrevistados relatam que agora já se sentem diferentes, ou com 'uma outra mentalidade'; 'agora aquelas conversas já não me dizem nada'.

A saturação da rotina dos consumos é apenas uma das dimensões dessa mudança. Um súbito sentimento de insegurança face a actividades de tráfico que já eram praticadas há longo tempo é uma outra esfera dessa mudança. Globalmente, diversas actividades desde há longo tempo seguidas vêem-se a braços com obstáculos. Diversos entrevistados passam a ver as coisas de nova forma. Pode passar-se o mesmo com a própria substância — episódio de

overdose de cocaína ou um mau chuto — podem desencadear um reordenamento das prioridades de muitos sujeitos.

Certas dimensões da vivência de toxicodependente tendem a eternizar-se em muitos casos, mesmo depois de paragens mais ou menos prolongadas. Alguns sujeitos, com períodos de abstinência de um e dois anos, tendiam ainda a ler muitos dos sinais dos seus corpos em função da ressaca — suores, tremuras; o sonhar-se com a substância, são acontecimentos que actualizam as vivências dos consumos. Noutros exemplos, o ser-se ex-toxicopedenente implica alguma acção moral junto de outros consumidores. Este estatuto assume, por vezes, uma importância relevante na vida de certos entrevistados.

### Uma leitura psico-social

A perspectivação longitudinal dos actos e atitudes dos consumidores de drogas, permitiu-nos relativizar uma possível visão causalista que poderíamos ter do fenómeno. Um sem número de contingências sociais e psicológicas operam em diversos momentos do percurso dos nossos entrevistados.

Sublinhámos o papel preponderante das dimensões lúdicas no início dos consumos. Realçámos também o papel das adaptações cognitivas iniciais na negação das consequências do uso de drogas e a continuação do consumo regular. É evidente para nós a co-ocorrência da oportunidade proporcionada na convivência em grupos informais — que torna possível o consumo — e a lenta aprendizagem de um estilo de vida diferente que passa a ser activamente procurado pelos indivíduos.

Mais tarde, após o estabelecimento de uma relação próxima com o uso de substâncias psicotrópicas, listámos uma série de encruzilhadas que vão desde a vivência da ressaca da heroína, à gestão da imagem de si ou aos tipos de contactos estabelecidos com esferas de socialização como a família ou o trabalho. Em todas essas esferas registámos uma combinação de decisões individuais com a existência de constrangimentos externos.

Do mesmo modo, nos pontos de inflexão, listámos uma série de situações onde observámos uma diminuição ou mesmo interrupção das actividades de consumo ou mais genericamente falando actividades desviantes. O factor desencadeante externo — revés na vida de consumidor, pressão familiar ou outra — somava-se sempre a um factor individual, normalmente verbalizado como cansaço ou saturação. As oportunidades precipitam escolhas e decisões que já se vinham preparando, por vezes por longos períodos.

A complexidade encerrada no estudo das histórias de vida é bem realçada no dispositivo foucaultiano aqui utilizado: a materialização das vivências; as regras deontológicas vigentes nos meios desviantes; as práticas de si e o estado alcançado através dessas práticas, sintetizam a díade psico-social em que todos nós estamos imersos.



## REFLEXÕES FINAIS

A objecção que os estudos qualitativos desta natureza normalmente despoletam é o problema da generalização dos resultados. Os dados qualitativos, submetidos a uma análise de conteúdo privilegiam, essencialmente, a profundidade. Os resultados circunscrevem-se a uma amostra reduzida, recolhida em contexto institucional. A consciência da relativização dos resultados não é uma fraqueza mas uma vantagem. Esquecemo-nos demasiado facilmente que é quase impossível obter uma amostra representativa da toxicodependência.

Outros autores tentam reduzir este tipo de trabalhos à classificação de exploratórios. Aceitamos a crítica se atendermos que todas as investigações são exploratórias para as que vierem a seguir. O diálogo de métodos e de escolas de investigação só pode ser benéfico para a ciência. Listemos agora o que julgamos ser-as nossas contribuições para esse diálogo:

- a importância da identificação das adaptações cognitivas no estudo de toxicodependentes — p. e. a negação do estatuto de toxicodependente nas fases de iniciação dos consumos, ou a valorização de pretensas dimensões de controle nas situações mais extremas;
- as suposições ontológicas apenas a cada droga estão na dependência directa das vivências de cada entrevistado, só assim se compreende a maior homogeneidade da descrição dos efeitos da heroína, droga com a qual todos os nossos entrevistados estabeleceram um relacionamento mais duradouro e significativo;
- o tipo de gestão da imagem de si no mundo das drogas e nas esferas normativas condiciona grandemente o tipo de trajectória do consumidor;
- a noção de que são motivos inerentes à própria vivência de consumidor que ditam o afastamento ou paragem dos consumos (isto é tanto mais premente quanto maior for o envolvimento com as actividades desviantes);
- a detecção de mudanças nas práticas de injeção — já não se aquece o caldo — ou a existência, em muitos casos, de um período de transição de consumos alternados de haxixe e heroína são outros dados interessantes até para estudos de carácter epidemiológico.

Para terminar, uma pequena auto-crítica: todos estes dados poderiam ser reordenados em função de uma tipologia de histórias de vida. Elas poderiam ser organizadas em função da época de iniciação aos consumos, conforme a utilizada por Romaní (1991) ou em função dos graus de envolvimento com as actividades desviantes... para esse hipotético estudo, também a presente investigação assumiria o carácter de um estudo preliminar.

## NOTAS

1 Os *aphrodisia* englobavam o conjunto de actos e gestos que de algum modo resultassem em prazer. A

união desta díade ao desejo delimita os três vértices onde a problematização moral se põe em jogo, como diz Foucault (1986, p.48):

- "Para o pensamento grego clássico essa força (do prazer) é por natureza virtualmente excessiva e a questão moral consistirá em saber de que maneira enfrentar essa força, de que maneira dominá-la e garantir a economia conveniente dessa mesma força."
- 2 O critério de amostragem desloca-se do número de indivíduos para a qualidade do material recolhido, o qual deverá ser diversificado, possuindo apesar disso claras zonas de regularidade, isto é, zonas bem definidas onde existe concordância de testemunhos.
  - 3 A interacção entre o dispositivo de investigação e a recolha dos dados é, na nossa opinião, um dos pontos fortes dos estudos de carácter qualitativo.
  - 4 Remetemos os leitores interessados para o trabalho de Manita (1996) onde se estuda as interrelações entre droga e crime numa perspectiva de níveis de personalidade e acção inspirados na grelha foucaultiana e no trabalho de Agra (1990) de que também fazemos referência.
  - 5 A este respeito remetemos o leitor para o artigo sobre técnicas de neutralização de Sykes & Matza (1957).
  - 6 Este facto é especialmente verdadeiro no caso dos entrevistados não estarem previamente socializados numa subcultura ligada às drogas. Nos casos em que isso não se verificou, diversos entrevistados declararam que souberam logo estar perante sintomas de privação.
  - 7 Neste aspecto, o que acontece em Portugal não nos mostra absolutamente nada de novo em relação ao que aconteceu em outros países — cf Preble & Casey (1969) para Nova Iorque, onde se observaram numerosas falhas de abastecimento de heroína como forma de subir preços e 'fidelizar' os consumidores.
  - 8 O caso do nosso entrevistado mais 'especializado' —proxeneta, cobrador de dívidas difíceis etc — foi também o caso em que a reputação e o bom nome assumiram maior importância.
  - 9 Muitos familiares tendem a interpretar disfunções comportamentais em função de causas que lhes são mais familiares — p. e. 'pensei a princípio que era o jogo ou problema de mulheres'.

## REFERÊNCIAS

- Agra, C. (1990). Sujet autopoïétique et transgression. In C. Debuyst (Ed.), *Acteur social et délinquance* (pp. 415-425). Bruxelles: Pierre Mardaga.
- Foucault, M. (1986). *História da sexualidade — O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda.

- Goffman, E. (1988). *Estigma — Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- Ingold, F. R.; Toussirt, M; Petit, F. & Cobesque, A. M. (1991). *Méthode et histoire — apport des sciences de l'homme et de la société à la compréhension des drogues et des substances psychoactives*. Paris: IREP.
- Kendall, G. & Wickham, G. (1999). *Using Foucault's methods*. London: Sage Publications.
- Manita, C. (1996). As interrelações droga-crime: as dimensões da personalidade e acção. In C. Agra (Ed.) *Projecto droga e crime — Estudos interdisciplinares*. Vol. X. Porto: Centro de Psicologia do Comportamento Desviante da Universidade do Porto (policopiado).
- Pallarès, J. (1995). *El placer del escorpión - Antropología da heroína y los yonquis*. Leida: Editorial Milenio.
- Preble, E. & Casey, J. J. (1969). Taking care of business — The heroin user's life on the street. *The International Journal of Addiction*, 4, 1, 1-24.
- Romaní, O (1991). *Drogodependientes: Circuitos informales y procesos de integración social*. Barcelona: IRES-PNSD.
- Sissa, G. (1997). *O prazer e o mal — filosofia da droga*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sykes, G. M. & Matza, D. (1957). Techniques of neutralization: a theory of delinquency. *American Sociological Review*, 22 (6) 664-670.

## EXPERIENCE OF THE SELF IN DRUG ADDICTION — QUALITATIVE ANALYSIS OF INTERVIEWS OF HEROIN USERS TAKEN IN AN INSTITUTIONAL CONTEXT

**Abstract** — *The present study was based on detailed interviews with heroin users undergoing treatment. We try to explore the way the participants experienced their behaviours and attitudes during the period of their illegal drug use. We identify, in their life histories, decisive moments in understanding periods of more or less commitment to deviant behaviour in general, and use of drugs in particular. The concept of experience of the self attempts to frame, with the Foucault's method, the different levels of subjectivity in our subject's lives.*